

AUTORITARISMO, CONVICÇÃO E SERIEDADE: ANÁLISE DO ÉTHOS DO DISCURSO DE AUTOAJUDA PARA A TERCEIRA IDADE

AUTHORITY, CONVICTION, SERIOUSNESS: ANALYSIS OF THE ETHOS OF SELF-HELP DISCOURSE FOR THE ELDERLY

Michele Cristina UEDA¹

Sandra Denise GASPARINI-BASTOS²

Anna Flora BRUNELLI³

Resumo: Neste trabalho, adotando o ponto de vista da Análise do Discurso francesa, tratamos do éthos do discurso de autoajuda para a terceira idade, isto é, da imagem que o enunciador desse discurso projeta de si ao enunciar. Para tanto, com base em estudos funcionalistas, especialmente na classificação da modalidade proposta por Hengeveld (2004), analisamos a expressão lexical da modalidade nesse discurso, o que se deve ao fato de a modalidade ser uma forma de expressão da subjetividade do enunciador. Também consideramos outros aspectos textuais, como temas e léxico empregados, a fim de identificarmos os tons presentes. A análise revela que predominam nesse discurso um tom autoritário e um tom sério. Diante desse resultado, verificamos que o discurso de autoajuda para a terceira idade tem características que o diferenciam consideravelmente do discurso de autoajuda convencional, que trata do sucesso profissional e financeiro. Entre essas diferenças, está o fato de ser um discurso bem menos otimista.

Palavras-chave: Discurso de autoajuda. Terceira idade. Éthos. Modalidade. Tom.

1 Mestranda da UNESP – Universidade Estadual Paulista. E-mail: michelebarquete@hotmail.com

2 Docente da UNESP – Universidade Estadual Paulista. E-mail: sandra.gasparini@unesp.br

3 Docente da UNESP – Universidade Estadual Paulista. E-mail: anna.brunelli@unesp.br

Abstract: In this work, based on French Discourse Analysis, we investigate the ethos of self-help discourse for the elderly. The ethos is basically the image that the enunciator projects from himself in his own discourse. For this investigation, based on functionalist studies, especially the classification of the modality proposed by Hengeveld (2004), we analyze the lexical expression of the modality in this discourse, which is due to the fact that the modality is a form of expression of the subjectivity of the enunciator. We also considered other textual aspects, such as themes and lexicon used, in order to identify the tones present in this discourse. The analysis reveals that an authoritarian tone and a serious tone predominate in self-help discourse for the elderly. Given this result, we find that this discourse has a few characteristics that differentiate it considerably from the conventional self-help discourse, which deals with professional and financial success. Among these differences is the fact that it is a much less optimistic discourse.

Keywords: Self-help discourse. Elderly. Ethos. Modality. Tone.

1. Introdução

Neste trabalho, adotando o ponto de vista da Análise do Discurso francesa, com ênfase nas reflexões desenvolvidas por Dominique Maingueneau sobre o *éthos* discursivo⁴, analisamos o *éthos* do discurso de autoajuda para a terceira idade. Mais exatamente, investigamos a imagem que o enunciador projeta de si em seu discurso por meio do seu modo de enunciar. Nosso intuito é o de contribuir não só com as reflexões sobre o discurso de autoajuda, um tipo de discurso que há anos vem circulando com bastante intensidade, como também com os estudos sobre as produções relativas à terceira idade, tema que tem despertado cada vez mais interesse da sociedade de modo geral, o que se deve, provavelmente, ao aumento da longevidade da população brasileira nas últimas décadas, conforme revelam pesquisas do IBGE a esse respeito.

Segundo Maingueneau (2008), todo discurso projeta uma determinada imagem do enunciador. Embora essa imagem, o *éthos*, seja apreendida no ato da enunciação, não é exatamente explícita no discurso, já que não constitui o objeto do discurso propriamente dito. Ou seja, o *éthos* não se reduz ao conteúdo do discurso, ou melhor, não se reduz ao que o enunciador diz sobre si mesmo, mas diz respeito à imagem que o enunciador projeta de si por meio de seu próprio discurso, como um todo. A esse respeito, Amossy (2005, p. 9, grifo nosso) afirma:

4 Como se sabe, a partir da década de 80, com o refluxo do marxismo e da psicanálise, a Análise do Discurso de linha francesa se expandiu em direções distintas, afastando-se de uma certa forma, em algumas de suas novas tendências, do projeto inicialmente elaborado por Michel Pêcheux. As reflexões desenvolvidas por Dominique Maingueneau sobre a discursividade, incluindo aí seus diversos trabalhos sobre a noção de *éthos* discursivo, podem ser tomadas dentro do contexto de renovação da disciplina que, a partir da segunda metade da década de 80, foi desencadeado graças à concorrência de correntes pragmáticas, daí o forte interesse do autor por questões enunciativas, como a cena de enunciação, a *déixis* discursiva etc. (cf. MAINGUENEAU, 2006, 2015).

Não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. **Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa.** Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si.

Ainda de acordo com Maingueneau, a imagem do enunciador está ancorada em três aspectos: uma vocalidade, um caráter e uma corporalidade. A vocalidade, que pode se manifestar por uma multiplicidade de tons, diz respeito a um tipo de entonação que caracteriza os discursos, sejam eles orais ou escritos, e que está associada a um conjunto de traços psicológicos (o caráter). A corporalidade, por sua vez, remete a uma representação do corpo do enunciador, e diz respeito a uma certa constituição física ligada a um modo específico de habitar o mundo, o que pode envolver até uma forma específica de se vestir. Esses aspectos, cuja precisão pode variar consideravelmente conforme o tipo de discurso, remetem conjuntamente a estereótipos culturais, daí a ideia de que o éthos diz respeito a uma representação “avaliada”, na medida que “falar é uma atividade erguida sobre valores supostamente partilhados” (MAINGUENEAU, 2020, p. 9).

Em um trabalho sobre o discurso de autoajuda, Brunelli (2004, p. 141) verifica que o éthos do discurso de autoajuda que trata de sucesso profissional e de ascensão financeira é o éthos do “homem seguro, autoconfiante e autocentrado, que está voltado para os seus objetivos e que age em busca de seu próprio bem”. Tendo em vista o resultado descrito pela autora, podemos considerar a confiança expressa no modo de enunciar como uma das características do discurso de autoajuda. Trata-se, então, de verificarmos se essa também é uma das características do discurso de autoajuda para a terceira idade.

Nossa escolha pelo segmento editorial da autoajuda como objeto de estudo deve-se ao fato de essa linha editorial ter alcançado grande evidência no mercado de vendas, não só no Brasil, como também em outros países do mundo. Nossa decisão de analisar obras destinadas à terceira idade se justifica também pelo fato de se tratar de um tipo de cópua ainda não investigado pelos estudos sobre o discurso de autoajuda. O lançamento de obras de autoajuda destinadas a esse público pode ser justificado pelo aumento significativo de pessoas dessa faixa etária nas últimas décadas. Pesquisas realizadas pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE)⁵ a esse respeito apontam para o fato de que, em cerca de alguns anos, os indivíduos da chamada terceira idade (pessoas com 60 anos ou mais) representarão o equivalente a 15% da população brasileira.

Para o desenvolvimento deste trabalho, elegemos como cópua as seguintes obras de autoajuda: *Envelhecer e ser feliz*, de Saldanha Coelho (2001), *Os segredos da terceira idade*, de Lauro Trevisan (2012), e *A arte de envelhecer com sabedoria*, de Abraão Grinberg (2000). Essas obras foram selecionadas não só por serem obras de autoajuda para a

5 Cf. <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>. Acesso em: 10 jan. 2017.

terceira idade, mas também por terem sido escritas originalmente em língua portuguesa, o que evita tratarmos de questões relativas ao processo tradutório. Além disso, são obras que ainda estão disponíveis no mercado editorial brasileiro⁶.

Nossa análise está estruturada em três partes: na primeira, considerando os efeitos de sentido desencadeados pelo emprego de itens lexicais modalizadores, identificamos os principais tons do discurso de autoajuda para terceira idade. Posteriormente, observando outros aspectos textuais, isto é, temas e léxico empregados, identificamos tons secundários presentes nesse discurso. Na última parte do trabalho, observando o modo como o enunciador do discurso de autoajuda para a terceira idade se reporta a esse público, tecemos algumas considerações relativas à imagem que esse enunciador projeta de si em seu discurso.

2. Éthos e modalidade

Como já dito, na Análise do Discurso, o éthos é a imagem do enunciador projetada por meio de seu discurso. Segundo Maingueneau (2008), os índices a partir dos quais é possível apreender essa imagem vão desde o registro da língua e o léxico até o planejamento textual. Ou, como afirma Mussalim (2008, p. 71), o éthos é uma representação que se faz do enunciador “a partir de índices textuais de diversas ordens – léxico, estrutura sintática”. No trabalho citado, a autora toma esses índices textuais de que trata Maingueneau como marcadores de modos de enunciação, considerando-os, inclusive, como lugares privilegiados de manifestação do estilo nos textos.

Seguindo os passos de Maingueneau (2005, 2006, 2008) e de Mussalim (2008), neste trabalho, analisamos o éthos do discurso de autoajuda para a terceira idade a partir de certos índices textuais considerados relevantes para a apreensão dessa imagem. Mais exatamente, para operacionalizar a investigação, optamos pela análise de elementos modalizadores que são expressos lexicalmente, o que se deve ao fato de que tais elementos representam uma inscrição de subjetividade por parte do enunciador no discurso.

Desse modo, por meio dos elementos modalizadores, podemos identificar a postura que o enunciador assume com relação ao que afirma em seu discurso, assim como fez Brunelli (2004). Para analisar o éthos do discurso de autoajuda, a autora analisou a manifestação lexical da modalidade em obras de autoajuda ligadas à temática do sucesso profissional e financeiro e verificou que, nessas obras, não há modalizadores que manifestem incerteza assumida pelo enunciador, o que corrobora para a construção da sua imagem de pessoa convicta, certa do que diz.

Em função dos distintos fenômenos que envolvem, as modalidades constituem um campo de pesquisa bastante fértil. Nos estudos linguísticos, não há unanimidade quanto ao que é ou não considerado como pertencente ao domínio modal. Frente às várias

⁶ As mesmas obras também foram adotadas por Ueda (2014) em seu trabalho de Mestrado.

perspectivas e propostas existentes, optamos por seguir, neste trabalho, os estudos de base funcionalista. A opção pela perspectiva funcionalista é uma forma de garantir um tratamento mais abrangente, tendo em vista que estudos dessa natureza descrevem a função dos modalizadores nos níveis pragmático, semântico e sintático de forma integrada.

Dentre os trabalhos funcionalistas sobre o tema, adotamos especialmente a classificação das categorias modais proposta por Hengeveld (2004). Essa classificação leva em conta dois critérios: o alvo da avaliação modal, isto é, a parte do enunciado que é modalizada, e o domínio semântico da avaliação, ou seja, a perspectiva a partir da qual a avaliação é feita. Pelo primeiro critério, a modalidade pode ser orientada para o participante, para o evento ou para a proposição. Pelo segundo, a modalidade pode ser classificada como facultativa, deôntica, volitiva, epistêmica e evidencial, definidas como segue:

- a) modalidade facultativa: orientada para o participante ou para o evento, está relacionada às capacidades e habilidades e permite uma distinção entre habilidade intrínseca (“ser capaz de”) e habilidade adquirida (“saber como”);
- b) modalidade deôntica: orientada para o participante ou para o evento, associa-se ao que é legal, moral ou socialmente permitido. Relaciona-se a obrigações e permissões e se liga sempre, conforme Neves (2006), ao traço de [+controle] por parte do enunciador;
- c) modalidade volitiva: orientada para o participante, para o evento ou para a proposição, relaciona-se com aquilo que é desejável;
- d) modalidade epistêmica: orientada para o evento ou para a proposição, relaciona-se com o que é conhecido sobre o mundo real. Lyons (1977) considera como epistemicamente modalizado todo enunciado no qual o falante qualifique explicitamente seu comprometimento com relação à verdade da proposição. De acordo com Dall’Aglio-Hattner (1995, p. 26), por meio da modalização epistêmica, o falante avalia como certa ou possível a realidade de um Estado de Coisas ou a veracidade de uma proposição, o que faz a partir de um conjunto de conhecimentos e crenças;
- e) modalidade evidencial: orientada para a proposição, relaciona-se à fonte da informação contida no enunciado.

Em trabalhos posteriores do mesmo autor (HENGEVELD, 2011; HENGEVELD; DALL’AGLIO-HATTNER, 2015), a evidencialidade (modalidade evidencial) é tratada como uma categoria separada da modalidade, com base no fato de que a fonte da informação pode incidir sobre todas as outras categorias modais, isto é, a evidencialidade pode se sobrepor aos subtipos modais e não ser considerada como um subtipo da modalidade. Por essa razão, esse valor semântico não será considerado neste trabalho.

Feito esse esclarecimento, analisamos, na sequência, a expressão lexical da modalidade em cada uma das obras do *cópus*, a fim de identificarmos não só os tons que predominam

no discurso que estamos investigando, como também a imagem de enunciador a que estão associados.

3. Análise da expressão lexical da modalidade: tons do discurso e imagem do enunciador

Na obra *Envelhecer e ser feliz* (ESF, doravante), predomina a expressão da modalidade deôntica nas formulações linguísticas, como podemos notar no excerto a seguir, em que o verbo *dever* serve à expressão dessa modalidade:

(1) Você **deve**⁷ praticar algum tipo de exercício físico, seja uma simples caminhada ou um treino de karatê, a depender do seu estado de saúde. Faça o que seu corpo aguentar, mas mantenha-se ativo (ESF, 2001, p. 14).

A predominância dos modais deônticos confere ao discurso um tom autoritário, que é reforçado ainda mais pela alta frequência de modais deônticos que expressam obrigação, por meio dos quais o enunciador instaura uma obrigação que deve ser cumprida pelo sujeito a quem o discurso se dirige.

A modalidade epistêmica também é bastante frequente nessa obra. Considerando que tal modalidade pode ser entendida como um *continuum*⁸ que vai desde um maior grau de incerteza até a certeza absoluta por parte do enunciador, verificamos que, nessa obra, os epistêmicos que predominam são os indicativos de certeza, com 37 ocorrências de um total de 54. Destacamos, em especial, o advérbio *realmente*, que ocorre no texto com frequência significativa, totalizando 14 ocorrências, como podemos conferir no seguinte excerto:

(2) É **realmente** visível a admiração que a velhice impõe, você já reparou que quanto mais velha a pessoa, mais admirada ela é? (ESF, 2001, p. 43).

Por sua vez, a expressão de probabilidade e possibilidade diz respeito a apenas 17 ocorrências; o próximo excerto exemplifica esse tipo de ocorrência:

(3) Em alguns momentos, é possível que você se sinta triste, achando que já viveu tudo o que tinha para viver [...] (ESF, 2001, p. 33).

Apesar de ocorrências assim serem manifestações de probabilidade e de possibilidade, portanto ligadas à expressão de dúvida e de incerteza, segundo Nuyts (1993) e Dall'Aglio-Hattner (1995), elas não se apresentam como manifestações de incerteza do enunciador

7 Neste trabalho, em todos os excertos apresentados, o negrito é empregado para destacar o recurso de expressão de que tratamos.

8 Cf. Dall'Aglio-Hattner (1995).

em si, que se esquivava desse comprometimento, apresentando a possibilidade como algo que independe dele. Desse modo, conjuntamente, esses dados nos indicam que o enunciador dessa obra é seguro e convicto de seu discurso, já que não assume como sendo suas as dúvidas e incertezas presentes em seu discurso.

Quanto à expressão lexical das outras modalidades, a facultativa e a volitiva são as que aparecem com menor frequência nessa obra. Na maioria das ocorrências da modalidade facultativa, a expressão da capacidade ou habilidade é atribuída ao próprio idoso. Vejamos:

(4) Se a pessoa velha não tiver nenhum problema de saúde que demande cuidados o tempo todo, é capaz de viver sozinha, sem precisar morar com os filhos (ESF, 2001, p. 41).

Conforme podemos notar no excerto, o idoso é apresentado como alguém com a capacidade de morar sozinho, caso não haja nenhum impedimento.

A modalidade facultativa indica que, segundo o discurso de autoajuda para a terceira idade, a pessoa mais velha ainda tem capacidade de realizar diversas ações; nesses termos, podemos dizer que o discurso de autoajuda, a seu modo, não deixa de combater, de certa forma, pelo menos no que diz respeito a esse aspecto, o discurso do senso comum que enfatiza as limitações dos idosos, em detrimento de suas capacidades, habilidades e características valorizadas e tipicamente associadas aos idosos (bom senso, experiência, cuidado, sabedoria), embora, como vamos tratar mais adiante, essa questão não se encerre aqui.

Já no próximo excerto, relativo à modalidade volitiva, a expressão dessa modalidade diz respeito a um desejo da sociedade como um todo e não a um desejo específico do idoso. Com o emprego do verbo na primeira pessoa do plural, o enunciador está entre as pessoas que desejam que a velhice seja a época do descanso:

(5) **Esperamos** que a velhice seja a época do merecido descanso, mas para que esse descanso venha acompanhado de paz e alegria, é necessário que se adube o terreno na juventude, para que se colham os frutos ao envelhecer (ESF, 2001, p. 71).

Ainda quanto ao tom autoritário dessa obra, ligado ao predomínio da modalidade deôntica, notamos que esse tom é reforçado pelo grande número de ocorrências de verbos no modo imperativo⁹. Enquanto os modais deônticos totalizam 83 ocorrências, há, na obra, 63 ocorrências de verbos empregados no modo imperativo, com predomínio do imperativo afirmativo, direcionado não só para o idoso, mas para a sociedade como um todo. Assim,

9 Ao tratarmos o imperativo de maneira separada da modalidade deôntica, estamos fazendo uma distinção entre modo (no português, representado pelo indicativo, subjuntivo e imperativo) e modalidade (facultativa, deôntica, epistêmica e volitiva, conforme proposta de Hengeveld (2004) que estamos adotando).

39 das 63 ocorrências de imperativo trazem o verbo empregado na primeira pessoa do plural, o que inclui o enunciador entre as pessoas sobre as quais recai a ordem expressa. Vejamos:

(6) **Respeitemos** os direitos dos mais velhos, pois um dia seremos nós que precisaremos que respeitem nossos direitos (ESF, 2001, p. 44).

Essas ocorrências de imperativo, associadas ao emprego predominante da modalidade deôntica, reforçam o teor de orientação, ordem ou instrução que a obra, muitas vezes, apresenta.

Diante do exposto, podemos afirmar que o enunciador dessa obra assume, em seu discurso, uma postura de autoritarismo marcada tanto pela modalidade deôntica como pelo emprego frequente do imperativo. Mesmo nos casos de emprego da modalidade epistêmica, o que predomina são as formas que indicam certeza, o que reforça a tese de Brunelli (2004) de que o enunciador do discurso de autoajuda é um homem seguro e convicto de si, revelando tais características por meio do tom autoritário e do tom convicto que marcam suas formulações linguísticas.

Podemos afirmar ainda que o uso da modalidade epistêmica indicativa de certeza reforça a credibilidade do discurso de autoajuda, que é apresentado como uma espécie de sabedoria incontestável, isto é, como um assunto sobre o qual o enunciador tem certeza. Trata-se, assim, de um enunciador que ocupa uma posição de saber, como alguém que parece entender muito bem sobre o objeto de que trata, que é, na maior parte das vezes, a própria velhice, conforme podemos notar por meio do seguinte excerto:

(7) **É certo** que nem sempre a velhice é acompanhada, ao contrário disso, muitas vezes é solitária e marginalizada (ESF, 2001, p. 61).

Já na obra *Os segredos da terceira idade* (STI, doravante), há o predomínio de modais epistêmicos, seguidos dos facultativos, dos deônticos e, por fim, dos volitivos, todos em pequena quantidade. De fato, no *cópus* deste trabalho, essa é a obra que apresenta o menor número de ocorrências de itens lexicais modalizadores.

Tratando especificamente dos epistêmicos, a maior ocorrência é de indicativos de dúvida (9 casos), que se referem à probabilidade de ocorrência de determinado evento. Vejamos excertos desse tipo de ocorrência:

(8) Caminhe todos os dias. **Pode** ser sacrificante inicialmente, mas os resultados são fantásticos (STI, 2012, p. 17).

(9) **Talvez** você deseje ser melhor do que é, possuir mais vitalidade. (STI, 2012, p. 25).

Essas ocorrências de modalizadores indicativos de probabilidade/possibilidade contrastam com os resultados de Brunelli (2004): no trabalho em questão, a autora verificou, em obras representativas do discurso de autoajuda sobre sucesso financeiro, o predomínio de formulações linguísticas assertivas, sem nenhum tipo de modal epistêmico, de modo que tais asserções se apresentam como verdades inquestionáveis. A esse respeito, vale lembrar que, quanto maior a certeza do enunciador a respeito do que afirma, menor a necessidade de emprego de epistêmicos, pois, no ponto extremo da certeza, o que se encontra é um “enunciador que avalia como verdadeiro o conteúdo do enunciado que produz, apresentando-o como uma asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para a dúvida e sem nenhuma relativização” (NEVES, 1996, p. 179).

No entanto, apesar de esses itens lexicais modalizadores indicarem probabilidade/possibilidade (portanto, como foi dito, formas de expressão de dúvida e de incerteza), sua presença não descaracteriza o tom convicto próprio ao enunciador do discurso de autoajuda. Como também verificamos na obra anterior, esses modalizadores não expressam uma incerteza assumida unicamente pelo enunciador.

Nessa obra, assim como na anterior, há ocorrências de modalidade facultativa, o que pode ser considerado como uma tentativa de o discurso de autoajuda destacar as capacidades dos idosos, que não devem ser vistos como pessoas menos capacitadas em função da idade. Desse modo, parece-nos que o discurso de autoajuda procura romper, de certo modo, com alguns estereótipos negativos frequentemente associados à velhice.

Ainda que a modalidade deôntica esteja entre as modalidades menos frequentes nessa obra, não podemos afirmar que nela o tom do discurso seja menos autoritário, pois o tom das formulações linguísticas deonticamente modalizadas é reforçado por várias ocorrências de verbos no modo imperativo, tais como podemos notar nos seguintes excertos:

(10) **Concorde** carinhosamente com esses companheiros e companheiras que, de fato, há algumas peças um tanto gastas, que rangem doloridamente (STI, 2012, p. 20).

(11) **Respeite** os vinagres da vida, mas **prefira** os bons vinhos enriquecidos pela idade (STI, 2012, p. 21).

Por se tratar de uma obra de autoajuda, formulações linguísticas com verbos no imperativo não deixam de ser esperadas nesse discurso. De fato, obras de autoajuda se apresentam como uma espécie de manual que disponibiliza ensinamentos, orientações sobre o que deve ser feito para que as pessoas resolvam seus problemas, realizem seus sonhos, tenham uma vida melhor, com mais felicidade etc.¹⁰. Muitas dessas orientações são transmitidas como ordens, daí o emprego dos itens lexicais deônticos de obrigação e dos verbos no modo imperativo.

10 Cf. Brunelli (2004).

Assim, a princípio, a análise da expressão lexical da modalidade parece indicar que a obra se distancia da anterior, já que nela predomina a modalidade epistêmica que expressa probabilidade e possibilidade. No entanto, a ocorrência de verbos no modo imperativo imprime à obra o mesmo tom autoritário encontrado na anterior. A esse respeito, verificamos que o número de ocorrências de verbos empregados no modo imperativo nessa obra, isto é, 15 ocorrências, é maior do que o número de ocorrências de modais deônticos (5 ocorrências), de facultativos (8 ocorrências), de volitivos (3 ocorrências) e até mesmo de epistêmicos (12 ocorrências).

Com esses resultados, podemos afirmar que o enunciador dessa obra também assume uma postura autoritária em relação ao que enuncia, mas o tom autoritário de seu discurso é atenuado pelo emprego de modais epistêmicos de incerteza. Por outro lado, não é possível afirmarmos que tais modais digam respeito ao éthos de um enunciador inseguro acerca do que afirma. Parece-nos que tais itens lexicais, que expressam incerteza, colaboraram para criar maior proximidade entre enunciador e seus leitores, atenuando, de certo modo, a posição de “dono da verdade” que normalmente está associada ao enunciador do discurso de autoajuda. Também ressaltamos que, assim como na obra anterior, embora se trate de modais que expressam incerteza, não se trata de uma incerteza assumida pelo enunciador.

Na terceira obra analisada, *A arte de envelhecer com sabedoria* (AECS, doravante), do mesmo modo como ocorre na primeira, os modais empregados com maior frequência são os deônticos. Nessa obra, o tom autoritário também predomina, como podemos observar no excerto a seguir, em que a modalização deôntica está lexicalmente presente por meio do verbo *precisar*:

(12) Os idosos **precisam** procurar meios de minimizar o esquecimento (AECS, 2000, p. 48).

Já a segunda modalidade mais frequente nessa obra é a epistêmica, com predomínio de modais relacionados à expressão de certeza, tais como: *realmente*, *é certo*, *certamente*. Entre os modais identificados, destacamos o frequente emprego da locução adjetiva *é certo que*, como no excerto:

(13) É certo que o corpo perde velocidade com a chegada da velhice, mas é ainda mais certo que a mente ganha cada vez mais histórias incríveis para contar (AECS, 2000, p. 55).

O fato de os modalizadores epistêmicos mais utilizados nessa obra serem os de certeza reforça a imagem de um enunciador seguro de suas afirmações, o que é esperado de um enunciador do discurso de autoajuda, que, como já mencionado, é um enunciador de saber.

O terceiro tipo de modal mais frequente na obra é o facultativo, com a expressão da capacidade ou habilidade relacionada, predominantemente, à pessoa idosa, como podemos observar no próximo excerto:

(14) O idoso aposentado ainda **pode** namorar, ter suas paqueras, a medicina atual permite que sua vida sexual se estenda por muito tempo (AECS, 2000, p. 22).

O predomínio da modalidade deôntica, seguida pela alta frequência de ocorrências de modalidade epistêmica, sugere um enunciador seguro do que enuncia e que assume, assim como na obra *Envelhecer e ser feliz*, um tom autoritário em seu discurso. Esse tom autoritário é reforçado pelo grande número de ocorrências do modo imperativo, que somam um total de 98 ocorrências. A esse respeito, notamos que essa obra é a que conta com o maior número de ocorrências de verbos na forma imperativa.

A postura segura do enunciador do discurso é reforçada pelo emprego frequente de modais epistêmicos indicadores de certeza. Assim, é possível verificarmos que o enunciador dessa obra se coloca como detentor de um saber inquestionável, reforçando a característica típica do enunciador do discurso de autoajuda¹¹.

Como nas obras anteriores, o tipo modal menos frequente é o volitivo. Por meio desse tipo de modal, o enunciador expressa, em suas formulações linguísticas, algum desejo seu relacionado à pessoa idosa, como no exemplo seguinte, em que a forma verbal *espero* expressa o desejo de que a orientação (a felicidade não está associada à juventude) seja compreendida:

(15) **Espero** que você entenda que a felicidade não está associada à juventude, ela está associada ao bem-estar, à satisfação das conquistas pessoais [...] (AECS, 2000, p. 54).

Diante do que foi exposto, identificamos, na obra em análise, mais uma vez um enunciador autoritário. O fato de a modalidade epistêmica, principalmente a indicativa de certeza, constituir o segundo tipo mais frequente de modalidade evidencia o tom de convicção e certeza do discurso em questão.

Feitos esses esclarecimentos, no próximo item, continuamos a analisar o discurso de autoajuda para a terceira idade, procurando identificar, a partir de outros aspectos textuais, os demais tons presentes nas obras do corpus, mesmo que sejam menos frequentes, a fim de compreendermos melhor a imagem do enunciador desse tipo de discurso.

4. Discurso de autoajuda para a terceira idade: outros tons

Na primeira parte deste trabalho, ao analisarmos a expressão lexical da modalidade, verificamos que, de um modo geral, predominam, no discurso de autoajuda para a

11 Cf. Brunelli (2004).

terceira idade, o tom autoritário e o tom de certeza, relativos à adoção de uma postura de segurança e convicção por parte do enunciador desse discurso. Vejamos, agora, outros tons presentes nas obras.

Na obra ESF, há também um tom mais contido, presente especialmente nas formulações linguísticas que tratam de temas considerados sérios, por assim dizer, tais como saúde, aposentadoria, descaso e até morte (que, como se sabe, é um tema considerado tabu para sociedades como a nossa), conforme podemos observar nos excertos a seguir:

(16) No velho, as doenças psicossomáticas são mais comuns porque ele, com as forças reduzidas, apesar de sua experiência de vida, está mais sujeito a não racionalizar seus problemas psicológicos do que uma pessoa mais moça, com maior grau de resistência (ESF, 2001, p. 19).

(17) Ninguém tem paciência com os idosos, ouvi-los falar é tedioso para muitos. Esperá-los subir no ônibus é um sacrifício para motoristas insensíveis, que dão partida sem se importar se vão jogá-los no chão (ESF, 2001, p. 25).

O excerto (16) trata da maior vulnerabilidade do idoso de sofrer com doenças psicossomáticas, por causa de sua dificuldade em controlar seus conflitos psicológicos. O excerto (17), por sua vez, trata do descaso social sofrido pelos idosos, relacionado, principalmente, à falta de paciência da sociedade para com as pessoas pertencentes a esse grupo.

Em algumas das formulações linguísticas dessa obra, podemos observar até mesmo certo tom agressivo por parte do enunciador, como é o caso do seguinte excerto:

(18) O gênio irascível de certos velhos não poucas vezes é o responsável pelo isolamento em que os coloca sua própria família. Retribuem o carinho e a assistência que recebem com agressões injustificadas e insuportáveis [...]. Esta espécie de idoso insiste em não admitir que sua energia está se exaurindo, num processo de desgaste natural, e se rebela contra tudo e contra todos, atribuindo-lhes a causa de seus males (ESF, 2001, p. 29).

O excerto acima discorre sobre a personalidade difícil e agressiva de alguns idosos que os coloca em situação de isolamento social; o emprego de adjetivos como *irascível* e *insuportável* e o fato de o idoso ser apresentado como uma pessoa teimosa (“insiste em não admitir”) e difícil (“e se rebela contra tudo e contra todos”) imprimem um tom um pouco mais “seco” ao discurso. Contudo, esse tom é pouco frequente na obra em questão.

Em relação a outros tons, notamos que, embora pouco frequentes, há, na obra, formulações linguísticas marcadas por certo tom de humor. Vejamos dois excertos:

(19) Bendito seja o comprimido azul, que veio para salvar a vida sexual do idoso, fazendo-o perceber que todo aquele “poder” da juventude ainda está dentro de si e, agora, ainda melhor, pois esse poder está aliado à experiência (ESF, 2001, p. 61).

(20) A morte não deve assustar o idoso. Aquela figura estranha com uma foice na mão pode aparecer para qualquer um, não precisa ser velho para receber uma visita dela (ESF, 2001, p. 78).

No excerto (19), o tom de humor se faz presente por meio da expressão *bendito seja* relacionada ao Viagra, medicamento usado para estimular o apetite sexual, e por meio do emprego das aspas em *poder*. Já o excerto (20) cita a figura que representa, popularmente, a morte: uma figura sem rosto, que veste preto e segura uma foice em sua mão. Podemos dizer que a menção a essa figura popular imprime, ao discurso, um tom menos sério e menos formal. Apesar disso, conforme já dissemos, predomina, em ESF, o tom sério, ligado ao caráter autoritário do enunciador de saber do discurso de autoajuda. Se considerarmos os subtipos de modalidade deôntica, notamos que 47 dos 83 casos de modais deônticos são indicativos de obrigação, com predomínio do uso do verbo *dever*. Isso reforça ainda mais o tom autoritário da obra.

O tom sério é, inclusive, mencionado no próprio texto da contracapa da obra, em que se pode ler a seguinte afirmação: “não se trata de um típico livro de autoajuda, mas de uma série de reflexões sérias, apesar de muitas vezes leves e bem humoradas” (ESF, 2001, contracapa). Por meio desse excerto, que constitui uma ocorrência de éthos dito¹², podemos dizer que o enunciador da obra deverá prezar pela seriedade na construção de seu discurso, apesar da possibilidade de haver também algumas nuances que tornam o discurso um pouco mais leve.

A obra STI, por sua vez, tem mesmo um tom mais leve que se harmoniza ao seu projeto gráfico, que constrói a cenografia¹³ de um diário pessoal. Os títulos dos capítulos, que lembram anotações e/ou comentários pessoais, também colaboram para a instauração dessa cenografia. Nesses títulos, notamos, inclusive, um tom mais otimista, relativo a uma visão mais positiva da terceira idade: “Que idade mais linda”; “Não tenho saudade, tenho velhice”; “Dos prazeres da velhice”; “Velhice não é velhice, é juventude melhorada”; “Que

12 O éthos dito diz respeito às ocorrências em que o enunciador trata de si e/ou “evoca sua própria enunciação”, tomando-os como objetos de seu discurso (cf. MAINGUENEAU, 2006).

13 O conceito de cenografia é proposto por Maingueneau em vários de seus trabalhos (cf. MAINGUENEAU, 2005, 2006 e, mais recentemente, 2015). Em linhas gerais, a cenografia corresponde à cena de enunciação construída pelo próprio texto sobre a cena genérica do discurso, particularizando, desse modo, a enunciação, o que pode até encobrir a cena do gênero (cena genérica). Tendo em vista os objetivos específicos do presente trabalho, entendemos que foge ao seu escopo apresentar os elementos relativos à construção dessa cenografia de diário pessoal, que está ancorada especialmente no projeto gráfico da obra, o que, por sua vez, envolve diversos elementos de sua diagramação.

vitalidade!”. Como podemos notar, são títulos que sempre remetem a um sentimento de alto astral e que servem para reforçar a autoestima das pessoas idosas, daí o emprego de um léxico de conotação positiva: *linda, prazeres, melhorada, vitalidade*, etc. No entanto, encontramos também formulações linguísticas que fazem referência a aspectos negativos da velhice, como podemos observar no excerto:

(21) Pelo amor de Deus, não faça como aqueles idosos que plantaram, batalharam, cuidaram, economizaram, dedicaram imensos esforços durante o crescimento da lavoura e na hora da colheita desprezam tudo, viram as costas aos frutos e vão chorar lamentações nos muros da velhice mal-imaginada (STI, 2012, p. 19).

No excerto (21), o enunciador faz referência aos idosos que não aceitam a velhice, colocando-os como exemplos de comportamento a serem evitados. No entanto, mesmo nesse discurso referente aos defeitos de determinados idosos, notamos um tom descontraído obtido por meio da expressão *pelo amor de Deus*, que inicia a frase.

Esse tom de descontração relativo à cenografia de diário também está presente na maior parte das formulações linguísticas da obra, como podemos observar nos excertos seguintes:

(22) Já viu algum jovem, ou quarentão, parar diante de um cachorrinho que está ladrando feliz, ou fazer um agrado para a criança que está naquele carrinho conduzido pela mãe? Reconheço que já viu, não quero ser exagerado. Mas muitos não conseguem, não têm tempo (STI, 2012, p. 8).

(23) Você, que beleza! – está cercado daquilo que gosta, ao passo que os outros se veem normalmente cercados daquilo que os obriga (STI, 2012, p. 8).

No excerto (22), notamos o tom de descontração, já no início do enunciado, por meio do uso da expressão *quarentão*. Normalmente, essa expressão é usada em contextos informais; logo, seu emprego confere ao discurso um tom mais informal. Esse excerto rompe com as expectativas da pergunta contida no início. O fato de o enunciador reconhecer seu próprio exagero também confere um tom de informalidade ao discurso, já que não esperamos de um discurso autoritário que ele corrija a si mesmo. No excerto (23), o tom de informalidade fica por conta da expressão *que beleza*.

Por outro lado, há muitas formulações linguísticas sem qualquer marca de informalidade, como podemos notar nos excertos (24) e (25):

(24) O cérebro continua a se desenvolver vitalmente em qualquer idade, desde que estimulado por atitudes que representem novidade ou desafio (STI, 2012, p. 16).

(25) A mentalização tem importância em todas as idades pelo fato de que pensamentos e desejos interiorizados chegam ao subconsciente, abrindo caminho para a realização efetiva do conteúdo meditado (STI, 2012, p. 26).

Ainda que outras formulações desse tipo, ou seja, um pouco mais formais apareçam no decorrer da obra, como já mencionamos, nela predomina um tom um pouco menos formal. Desse modo, podemos afirmar que o *éthos* do enunciador dessa obra é o de um enunciador descontraído, que tenta se afastar de uma postura mais formal. Essa atitude pode justificar o emprego frequente de modais epistêmicos indicativos de probabilidade, especialmente porque esses modais imprimem ao discurso um tom um pouco menos autoritário.

Na obra *AECS*, apesar do predomínio da modalidade deôntica, que lhe confere um tom autoritário, não notamos, em nenhuma de suas formulações linguísticas, um tom mais agressivo, mesmo quando o assunto está relacionado às supostas características negativas dos idosos, como podemos notar no excerto seguinte:

(26) Há dois tipos de idosos. Os que cuidam e os que não cuidam da saúde. Os primeiros são cordatos, lúcidos, têm consciência mais profunda dos problemas de sua idade e resistem mais às pressões e depressões do mundo paralelo em que vivem. Os outros, ao contrário, são agressivos e intolerantes e vivem em conflito permanente com aqueles que o cercam (*AECS*, 2000, p. 32).

No excerto (26), ainda que o enunciador trate dos idosos que não cuidam da própria saúde, não podemos afirmar que os adjetivos *agressivos* e *intolerantes* imprimam ao discurso um tom menos cordial, diferentemente do que ocorre com os adjetivos *irascível* e *insuportável*, empregados em ESF para fazer referência ao idoso que não aceita a velhice. Além disso, notamos que, nessa obra, há poucas formulações linguísticas marcadas por um tom mais leve, descontraído ou até de humor. Pelo contrário, predominam formulações de tom mais sério e formal, como podemos notar no excerto a seguir:

(27) Os idosos também são atingidos pela frustração – privados da satisfação de um desejo ou de uma necessidade – pelo ciúme, pelo desejo de posse da pessoa amada, a suspeita ou a certeza de sua infidelidade, ou mesmo pela rivalidade ou inveja, remorso ou raiva destruidora (*AECS*, 2000, p. 21).

O tom de seriedade dessa obra é ainda reforçado pelos títulos dos capítulos. Dentre esses títulos, podemos citar “Nenhum ser vivo quer sofrer”; “Idoso ou Idosa”; “Velhice: maus tratos e abandono”; “Passado e presente”; “Esquecimento”.

No entanto, há um elemento que rompe com o tom sério dessa obra: são as citações abaixo do título de cada capítulo. Trata-se de citações de autores reconhecidos, tais como, filósofos, ex-presidentes e escritores. Essas citações conferem à obra um tom mais descontraído, já que, normalmente, têm um caráter quase cômico.

Para exemplificar o caso, podemos mencionar a citação que acompanha o capítulo denominado “Suicídio”, que trata da vontade de muitos idosos de colocar fim à própria vida por causa do descaso que sofrem por parte de seus familiares. Abaixo do título,

encontra-se a citação “Gostaria de suicidar-me, mas é muito perigoso” (SOFOCLETO, 1926 *apud* GRINBERG, 2000, p. 45), do escritor e humorista peruano Sofocleto. Outra citação de natureza semelhante é a de autoria do médico e autor americano Oliver Wendell Holmes: “Ser um moço de setenta é mais agradável e desejável que ser um velho de quarenta” (HOLMES, 1871 *apud* GRINBERG, 2000, p. 32). Como podemos observar, ambas as citações imprimem certo tom de humor ao discurso.

Uma vez identificados esses outros tons do discurso de autoajuda para a terceira idade, no próximo item, continuamos a tratar da imagem do enunciador – *éthos* – do discurso em questão, analisando o modo como esse enunciador faz referência ao público da terceira idade.

5. A imagem do enunciador e o emprego dos vocábulos *velho* e *idoso*

Neste item, analisamos o emprego dos vocábulos *velho* e *idoso* no discurso de autoajuda para a terceira idade, com o intuito de verificar qual é a imagem que o enunciador desse discurso projeta do idoso, o que não deixa de colaborar para a projeção de sua própria imagem. Assim, estamos considerando que o modo como o enunciador do discurso de autoajuda se refere aos sujeitos idosos (ora o público-alvo de seu discurso, ora o seu tema) revela também uma determinada imagem de si. A esse respeito, remetemo-nos a Possenti (1993). No trabalho em questão, ao analisar expressões nominais empregadas alternativamente para retomar o mesmo objeto de discurso, o autor observa que essas expressões não cumprem única e exclusivamente função coesiva. Segundo Possenti (1993, p. 107), essas formas levam também à produção de inferências avaliadoras “tanto sobre o indivíduo de quem se fala quanto sobre o próprio sujeito do discurso”.

Diante do que foi exposto, fizemos o levantamento do emprego de cada vocábulo nas obras do *cópus*, a fim de verificarmos a imagem que o enunciador do discurso de autoajuda projeta de si ao se referir ao seu público de uma determinada maneira.

Segundo Silva (2008), o vocábulo *velho*, quando empregado para fazer referência a pessoas de mais idade, tem, muitas vezes, uma conotação negativa, pela sua associação a objetos de grande tempo de existência e de uso. Desse modo, segundo o autor, o termo *idoso* deveria ser o vocábulo escolhido para denominar as pessoas da terceira idade, já que não tem uma conotação evidente.

A análise lexical das palavras utilizadas para fazer referência ao idoso permite-nos constatar que, em ESF, a menção feita às pessoas da terceira idade varia frequentemente entre os vocábulos *idoso(s)* e *velho(s)*, assim como ocorre nos excertos a seguir:

(28) O **velho** não é um ser descartável, é um ser humano útil. Por isso deve permanecer ativo, exercitando a memória e o físico (ESF, 2001, p. 51).

(29) No **velho**, as doenças psicossomáticas são mais comuns porque ele, com as forças reduzidas, apesar de sua experiência de vida, está mais sujeito a não racionalizar seus problemas psicológicos (ESF, 2001, p. 19).

O levantamento da frequência de emprego desse vocábulo revela-nos que o total de ocorrências do vocábulo *velho* corresponde à metade do total de ocorrências do vocábulo *idoso*, pois, enquanto *idoso* foi empregado 34 vezes, o vocábulo *velho* aparece, em toda a obra, por 16 vezes. No entanto, ainda que o emprego do vocábulo *velho* seja menos frequente do que o de *idoso*, esse vocábulo tem significativa presença na obra em questão.

Já em STI, podemos verificar o predomínio do vocábulo *idoso* em detrimento do vocábulo *velho*. Nessa obra, *idoso* apresenta um número total de 11 ocorrências, enquanto *velho* aparece apenas 4 vezes, sendo empregado até mesmo no título de um dos capítulos, a saber: "Velho não ama?". Também é possível verificar sua presença em formulações linguísticas como a primeira do seguinte excerto:

(30) Os mal-avisados pensam que o **velho** é bananeira que já deu cacho. Nada mais equivocado (STI, 2012, p. 11).

O vocábulo *idoso*, no entanto, aparece com mais frequência na obra para fazer referência não ao leitor da obra, mas ao tema tratado, em formulações linguísticas semelhantes às dos excertos que apresentamos a seguir:

(31) O **idoso** está na fase áurea do amor. Ama o seu existir (STI, 2012, p. 9).

(32) De mais a mais, o **idoso** e a **idosa** sabem que a idade não impõe renúncia das atividades, pois fica-lhes o poder de escolher o que gostam de criar e produzir (STI, 2012, p. 11).

Por fim, em AECS, o vocábulo *velho* é utilizado 12 vezes, enquanto o vocábulo *idoso*, 71 vezes, em formulações linguísticas como a apresentada no seguinte excerto:

(33) Os **idosos** não devem ser ociosos, só em condições que os impeçam de trabalhar (AECS, 2000, p. 53).

O fato de o vocábulo *velho* ser empregado em todas as obras do *cópus* pode causar uma certa surpresa, já que, como foi mencionado, esse vocábulo está, normalmente, associado a discursos que desvalorizam o idoso. Poderíamos pensar na possibilidade de o emprego desse vocábulo estar associado a contextos que tratem das características negativas dos idosos, como ocorre no seguinte excerto, em que o enunciador faz uma crítica ao idoso que não se adapta a mudanças:

(34) O **velho** que não aceita que os costumes mudam com o passar do tempo se torna demasiadamente crítico e acaba recebendo, com razão, o apelido de "crico" (ESF, 2000, p. 76).

No entanto, o emprego desse vocábulo em formulações que exaltam as características positivas dos idosos descarta a hipótese mencionada acima. Vejamos um excerto:

(35) Dizem que o índice de desenvolvimento de um país está relacionado ao tamanho de sua população idosa. Se for assim, os **velhos** devem ser vistos como troféus vivos (ESF, 2002, p. 67).

Assim, se o emprego do vocábulo *idoso* em formulações que tratam de algum aspecto negativo da terceira idade também ocorre; o vocábulo *velho* não está, necessariamente, sendo empregado como uma forma de desvalorizar o idoso, como podemos observar no excerto (35). Nossa hipótese é a de que seu emprego imprima um tom mais realista ao discurso de autoajuda, projetando a imagem de um enunciador mais realista e autêntico, que não evita esse tipo de referência à pessoa idosa; pelo contrário, seu discurso faz uso dessa referência sem assumir a conotação negativa normalmente associada ao seu emprego.

6. Considerações finais

Na análise que desenvolvemos acerca do éthos do discurso de autoajuda para a terceira idade, identificamos especialmente os seguintes tons: o tom autoritário, o de convicção, o de seriedade e o de otimismo.

A respeito do tom de otimismo, no *cópus* analisado, a modalidade facultativa foi a terceira mais recorrente em número de ocorrências. Considerando-se que essa modalidade expressa algum tipo de capacidade, podemos afirmar, então, que o idoso é, segundo o discurso de autoajuda para a terceira idade, uma pessoa capaz de realizar diversas tarefas, o que colabora para a construção do tom de otimismo do discurso, que está, desse modo, contrariando o estereótipo do idoso como uma pessoa incapaz.

Esse tom otimista cede lugar a um tom mais sério quando o assunto tratado é relativo à saúde ou ao comportamento do idoso. Além disso, a predominância da modalidade deôntica no *cópus*, tomado em conjunto, contribui para que o tom mais otimista ceda lugar a um tom mais autoritário. Considerando esse tom, as formulações linguísticas deonticamente modalizadas e o emprego de verbos no modo imperativo, podemos dizer que o éthos desse discurso é um éthos especialmente autoritário. Com isso, verificamos que o discurso de autoajuda para a terceira idade é um discurso de caráter bastante instrutivo, já que apresenta uma série de instruções de comportamento, ou melhor, já que dita condutas.

Esse resultado parece corroborar os de Brunelli (2004), no que diz respeito ao fato de o discurso de autoajuda prezar por formulações que ditam regras a serem seguidas, em vez de estimular seus leitores a desenvolverem uma reflexão mais profunda a respeito dos temas tratados e das teses sustentadas pelo discurso.

O tom autoritário e seguro desse discurso não deixa de condizer com as palavras que abrem a obra AECS. Logo no início do primeiro capítulo dessa obra, o enunciador afirma que não pretende ser o dono da verdade, no entanto, os conhecimentos que acumulou ao longo de sua experiência com idosos o “autorizam” a discorrer sobre a terceira idade.

Esse mesmo tom de seriedade também está pré-anunciado em outra obra do *cópus*, isto é, em ESF, em cuja apresentação encontramos o seguinte excerto:

Não se trata de um típico livro de auto-ajuda [sic], mas de uma série de **reflexões sérias**, apesar de muitas vezes leves e bem humoradas, de alguém que lida há anos com as questões do envelhecimento, conhece o conjunto da bibliografia a respeito e tem a disposição (e a notável capacidade) de passá-la adiante (COELHO, 2001, p. 8, grifo nosso).

Ainda na apresentação da mesma obra, anunciam-se o tom realista (próprio das formulações linguísticas que tratam das características negativas dos idosos) e o tom otimista, típico do discurso de autoajuda:

O objetivo deste livro é este: passar aos idosos **uma mensagem realista de otimismo**, mostrando-lhes que eles têm como enfrentar o mundo paralelo em que os colocam a sociedade, a família e seus próprios problemas (COELHO, 2001, p. 8, grifo nosso).

Além disso, podemos dizer que o discurso em análise diverge um pouco do discurso de autoajuda convencional. Se considerarmos, por exemplo, os trabalhos de Brunelli e Gasparini-Bastos (2008, 2011, 2012), autoras que analisaram o verbo modal *poder* no discurso da autoajuda convencional, tanto em português como em espanhol, veremos que os dados desses trabalhos apontam para um predomínio da modalidade facultativa, relacionada à capacidade e à habilidade do sujeito de executar a ação prevista na formulação linguística, o que, como foi mencionado, colabora para a construção do tom otimista desse discurso.

Diferentemente, no discurso da autoajuda para a terceira idade, o predomínio da modalidade deôntica evidencia um enunciador mais autoritário, que se dirige ao público de maneira mais direta, esperando ações mais concretas.

Na análise desenvolvida, identificamos outra característica do discurso de autoajuda para a terceira idade: o enunciador, em vez de dirigir suas ordens apenas aos próprios idosos, as dirige também a outros membros da sociedade (algum familiar, alguma pessoa que se relaciona ao idoso). Logo, esse discurso não se destina somente ao idoso, mas também às pessoas que convivem com ele.

Essa constatação é, de certa forma, um pouco inesperada, pois, segundo Cortina (2007), o discurso de autoajuda se dirige a sujeitos individuais, pregando-lhes que a mudança

para uma vida melhor depende apenas de si. Já o discurso de autoajuda para a terceira idade, ao dirigir conselhos para a sociedade que convive com o idoso, acaba colaborando com a tese de que o “bem-viver” do idoso não depende somente dele, mas também de atitudes da própria sociedade para com ele.

Tomando conjuntamente esses resultados, podemos dizer que o alto índice de modais facultativos relativos às capacidades dos idosos contrasta com a alta frequência de modais deônticos relativos a ordens dirigidas à sociedade de maneira geral. Ou seja, ainda que o discurso em questão afirme que o idoso seja capaz do ponto de vista físico e mental, as inúmeras ordenações dirigidas, por exemplo, aos familiares dos idosos indicam que muitas das necessidades relacionadas aos idosos devem partir de terceiros. Desse modo, acaba por haver, em parte, uma reprodução do senso comum de que os idosos são pessoas que, de certo modo, são dependentes de cuidados de outras pessoas, como familiares e políticos.

Além disso, na análise aqui desenvolvida, verificamos que o enunciador do discurso em questão pode até se valer de um tom mais seco, ao fazer referência aos aspectos negativos da velhice e dos supostos problemas de personalidade de alguns idosos. Desse modo, ele rompe com o tom otimista que normalmente é assumido pelo discurso de autoajuda que se dirige a outro grupo de leitores, os adultos em geral, no qual só se mencionam os aspectos positivos da vida e dos temas tratados¹⁴. O discurso da autoajuda para a terceira idade, ao afirmar que existem idosos considerados “desagradáveis” pela sociedade, acaba por assumir a existência de uma realidade pouco feliz vivida por tais idosos, e que pode se tornar a própria realidade do leitor-idoso, caso ele não coloque em prática as instruções passadas, o que confere a esse discurso um tom mais sério.

Notamos ainda que, nesse discurso, é relativamente frequente o emprego do vocábulo *velho* para fazer referência ao idoso. Contudo, ainda que estigmatizado socialmente, no discurso de autoajuda para a terceira idade, esse vocábulo não assume, via de regra, conotação negativa. O emprego desse vocábulo parece caracterizar o enunciador como um sujeito realista, que se utiliza de um vocábulo empregado usualmente para fazer referência aos idosos, ainda que com outro tipo de conotação. Desse modo, podemos dizer que o éthos do enunciador do discurso de autoajuda também é um éthos realista, que não procura eufemizar a velhice, até mesmo porque não haveria motivos para isso, já que, do ponto de vista desse discurso, a velhice também tem aspectos positivos.

Diante do que foi exposto, podemos concluir que o éthos do discurso de autoajuda para a terceira idade, embora bastante próximo, não é exatamente o mesmo do discurso de autoajuda convencional. Como o enunciador desse último discurso não deixa de assumir uma postura de segurança e de liderança, o éthos do discurso em questão atende, de certo modo, às expectativas do éthos pré-discursivo relacionado ao discurso de autoajuda, já que esse tipo de discurso cria mesmo a expectativa de um discurso que forneça orientações de modo seguro.

14 Cf. Brunelli (2004).

As diferenças mais significativas entre esses discursos dizem respeito, então, ao tom otimista (mais evidente no discurso de autoajuda convencional e mais atenuado no discurso de autoajuda para a terceira idade) e ao tom realista (mais evidente no discurso de autoajuda para a terceira idade).

Encerramos este trabalho concluindo que, apesar de o discurso de autoajuda convencional e o discurso de autoajuda para a terceira idade compartilharem certas características, apresentam características que os diferenciam. De acordo com a análise que aqui apresentamos, o discurso de autoajuda para a terceira idade é menos um discurso otimista que se destina a ensinar aos idosos as fórmulas para alcançar uma velhice feliz e mais um discurso autoritário que se destina a “ensinar” a sociedade de forma geral a ajudar e a entender a pessoa idosa.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. Da noção retórica de *éthos* à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do éthos*. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz et al. São Paulo: Contexto, 2005. p. 09-28.

BRUNELLI, A. F. *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de autoajuda*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BRUNELLI, A. F.; GASPARINI-BASTOS, S. D. Os valores do verbo modal *poder* em português: da língua ao discurso. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE ALFAL, 15, 2008. *Actas del XV Congreso Internacional de ALFAL*. Montevideu: ALFAL, 2008.

BRUNELLI, A. F.; GASPARINI-BASTOS, S. D. O comportamento do verbo modal *poder* no discurso de autoajuda: uma investigação no português e no espanhol. *Estudos Linguísticos*, v. 40, n. 1, p. 61-70, 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1376/918>. Acesso em: 03 mar. 2018.

BRUNELLI, A. F.; GASPARINI-BASTOS, S. D. A manifestação das diferentes modalidades no emprego do verbo auxiliar *poder* em português e em espanhol: análise do discurso de autoajuda. *Signo & Seña*, v. 22, p. 165-180, 2012. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/3054/2695>. Acesso em: 12 mar. 2018.

COELHO, S. *Envelhecer e ser feliz: conversando com a terceira idade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 2001.

CORTINA, A. O leitor brasileiro contemporâneo e a autoajuda. *Todas as Letras*, v. 9, n. 1, p. 42-50, 2007.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. *A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1995.

GRINBERG, A. *A arte de envelhecer com sabedoria*. São Paulo: Nobel, 2000.

HENGEVELD, K. Illocution, mood, and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (ed.). *Morphology: A Handbook On Inflection And Word Formation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. v. 2, p. 1190-1201.

HENGEVELD, K. The grammaticalization of tense and aspect. In: HEINE, B.; NARROG, H. (ed.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 580-594.

HENGEVELD, K.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. *Linguistics*, v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (org.). Tradução de Maria Cecília Souza-e-Silva et al. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11- 29.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, D. *Variações sobre ethos*. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2020.

MUSSALIM, F. Uma abordagem discursiva entre as relações entre éthos e estilo. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 70-81.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1996. p. 163-199.

NEVES, M. H. M. Imprimir marcas no enunciado. Ou: a modalização na linguagem. In: NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006. v. 6, p. 152-221.

NUYTS, J. Epistemic modal adverbs and adjectives and the layered representation of conceptual and linguistic structure. *Linguistics*, v. 31, p. 933-969, 1993.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 15, n. 1, p. 155-168, jan./mar. 2008.

TREVISAN, L. *Os segredos da terceira idade*. São Paulo: Editora da Mente, 2012.

UEDA, M. C. B. *O ethos das obras de autoajuda para terceira idade*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2014.

Como citar este trabalho:

UEDA, Michele Cristina; GASPARINI-BASTOS, Sandra Denise; BRUNELLI, Anna Flora. Autoritarismo, convicção e seriedade: análise do éthos do discurso de autoajuda para a terceira idade. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 222-244, jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em “dia/mês/ano”. <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v15i1.10210>.